



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

MARIA SUELÂNIA ARAÚJO DE LIMA

LEITURA E LETRAMENTO: as muitas facetas na
Formação de Leitores

CAMPINA GRANDE – PB

2014

MARIA SUELÂNIA ARAÚJO DE LIMA

**LEITURA E LETRAMENTO: as muitas facetas na
Formação de Leitores**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau especialista.

Orientadora:

Prof^a Dr.^a. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

CAMPINA GRANDE - PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL - UEPB

L7321 Lima, Maria Suelânea de
Leitura e letramento [manuscrito] : as muitas facetas na formação de
leitores / Maria Suelânea Araújo de Lima. – 2014.
45 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas
Pedagógicas Interdisciplinares) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

“Orientação: Amasile Coelho Lisboa da Costa Souza, Departamento
de Letras”.

1. Letramento. 2. Leitura. 3. Prática-Pedagógica. 4. Formação de Leitores.
I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARIA SUELÂNIA ARAÚJO DE LIMA

**LEITURA E LETRAMENTO: as muitas facetas na
Formação de Leitores**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 29 / 07 / 2014

Banca Examinadora

Amasile Coelho L. C. Sousa

Profª Drª. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa / UEPB

Orientadora

Ana Lúcia M. de Souza Neves

Profª Drª. Ana Lúcia Maria de Sousa Neves / UEPB

Examinadora

Marcelo Vieira de Nóbrega

Profº Ms. Marcelo Vieira de Nóbrega / UEPB

Examinador

DEDICATÓRIA

À minha mãe Maria das Neves Araújo de Lima, pelo exemplo de vida em todos os momentos, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus,

Por tudo que sou. Pelo dom da vida, pelas experiências adquiridas.

Obrigada Deus!

Aos meus pais,

Por me ensinarem a viver a vida com dignidade.

Amo vocês!

Ao meu esposo,

Aos meus filhos: Ítalo e Ismênia,

Por superarem com inteligência e compreensão minhas ausências.

Beijos!

À Professora Amasile, orientadora deste trabalho,

Pelo empenho, ensinamentos, dedicação e exemplo enquanto gente e comoprofissional.

Meu profundo agradecimento!

“Porque há esperança para a árvore, pois, mesmo cortada, ainda se renovará, e não cessarão os seus rebentos. Se envelhecer na terra a sua raiz, e no chão morrer o seu tronco, ao cheiro das águas brotará e dará ramos como a planta nova.”

(Jó 14: 7-9).

RESUMO

Este trabalho versou sobre Leitura e Letramento: as muitas facetas na Formação de Leitores. Definiu-se como objetivo geral da pesquisa, suscitar reflexões sobre as muitas facetas utilizadas na Formação de Leitores, a partir de práticas de leituras significativas, dinâmicas e prazerosas. Para tanto, elegeu-se como objetivos específicos, identificar as possibilidades de leitura na escola e analisar como o aluno reage às práticas de leitura em sala de aula. Quanto à metodologia utilizada para a realização da pesquisa, optou-se pela abordagem qualitativa, do tipo de campo, realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Carlos Pessoa Filho, localizada em Aroeiras-Paraíba. Utilizou-se como sujeitos da pesquisa, uma professora de Língua Portuguesa e uma amostragem equivalente a dez alunos, de uma turma do 1º ano Ensino Médio. O instrumento utilizado para a coleta dos dados foi um roteiro de observação tanto para a professora, como para os alunos. Como resultado da pesquisa pode-se inferir que é possível modificar a forma como vem sendo realizado o ensino de leitura na sala de aula, de modo a oportunizar uma vivência prazerosa no ambiente já mencionado e concomitante, o progresso individual e sobretudo social dos alunos. Isto é, promovendo a estes, o gosto pela leitura e conseqüentemente, contribuindo para a Formação de Leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento. Leitura. Prática-Pedagógica. Formação de Leitores.

ABSTRACT

This work revolved about Reading and Literacy: the many facets by Readers Training. Defined - is the general objective of the research, raise reflections on the many facets used for training players from practices meaningful, dynamic and enjoyable readings. For both elected - is as specific goals, know what is literacy in various dimensions; identify the possibilities of reading in school and analyze how the student reacts to reading practices in the classroom. Regarding the methodology used to conduct the survey, chose - the qualitative approach, the type of field, held at the State School of Elementary and Secondary Education Mr Carlos Pessoa Filho, located in Aroeiras-Paraíba. Used - whether as research subjects, the teacher of Portuguese and an equivalent sample to ten students in a class of 1st year of high school. The instrument used for data collection was an observation script both for the teacher and for the students. As a result of the research can - infer that it is possible to modify how the teaching of reading is being done in the classroom, so possible a pleasurable experience in the environment and concomitant already mentioned, the individual and social progress of students especially. That is, those promoting the love of reading and thus contributing to the formation of Readers.

KEYWORDS: Literacy. Reading. Practice - Teaching. Readers Training.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LEITURA E LETRAMENTO	12
2.1 Sobre leitura.....	12
2.2 Sobre letramento.....	13
2.3 Dimensão individual da leitura.....	16
2.4 Leitura como prática social.....	17
3 LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR	19
3.1 As práticas de leitura na escola.....	20
3.2 Leitura e cidadania.....	21
3.3 Importância da leitura na formação de leitores.....	23
4 METODOLOGIA DA PESQUISA	26
4.1 Contexto e Sujeitos da Pesquisa.....	26
4.2 Instrumentos para a Coleta de Dados.....	26
5 ANÁLISE DOS DADOS	27
5.1 Análise do Ensino de Leitura a partir da visão de uma Professora de Língua Portuguesa.....	27
5.2 Análise do ensino de leitura a partir da visão dos alunos.....	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	42
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista com Professora.....	42
APÊNDICE B – Roteiro de entrevista com os alunos do 1º ano do Ensino Médio.....	44

1INTRODUÇÃO

Sem pretender fazer uma retrospectiva sobre o papel da leitura na sociedade, mas desde já, entende-se que a escola só terá cumprido a sua missão quando for capaz de incentivar os alunos para o gosto de ler. Assim, o professor tem um papel significativo na formação de leitores. Todavia, sabe-se que a cultura escolar não tem conseguido superar a disparidade entre o concebido e o vivido, quando se trata de envolver os alunos em práticas de leituras significativas, dinâmicas e prazerosas, considerando que se encontrarevestida de muitos questionamentos quanto ao seu papel na contemporaneidade.

Sabendo-se porém, da importância da leitura nos dias atuais e que o letramento vai além do ato de codificar e decodificar símbolos do nosso alfabeto, já que tem a ver com a interpretação que o sujeito faz do mundo, precisa-se repensar por que os alunos leem tão pouco e/ou por que têm tão pouco interesse por essa atividade.

Supõe-se que a escolarização da leitura, no sentido restrito, a tem transformado em mera obrigação curricular e, por assim ser, transformando-se numa atividade mecânica, chata e penosa, por vezes, numa prática que irá resultar no estudo da gramática ou de análise sintaxe. Talvez resulte daí, a apatia dos alunos pela leitura.

Diante do exposto, pergunta-se: Quais tipos de atividades pedagógicas potencializam o gosto pela leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento do letramento?

Desse modo, definiu-se como objetivo geral deste trabalho, suscitar reflexões sobre as muitas facetas utilizadas na Formação de Leitores, a partir de práticas de leituras significativas, dinâmicas e prazerosas. De forma específica, elegeu-se identificar as possibilidades de leitura na escola e analisar como o aluno reage às práticas pedagógicas de leitura em sala de aula.

O caminho percorrido na pesquisa permitiu a organização deste trabalho em quatro capítulos. A primeira seção é denominada Leitura e Letramento. Conceitua e descreve brevemente a função social da leitura e do letramento enquanto promotores de autonomia e criticidade aos alunos diante do mundo.

Na segunda seção tratou-se da Leitura no ambiente escolar. Relata sobre o papel do professor no ensino de leitura, a fim de despertar nos alunos o gosto pela leitura.

Na terceira seção é apresentada a Metodologia da Pesquisa, apontando-se o tipo de pesquisa para a análise dos dados, o Contexto e os Sujeitos da Pesquisa, bem como os Instrumentos utilizados para a Coleta dos Dados.

Na quarta seção é explicitada a Análise dos Dados, apresentando-se como subtítulos, Análise do Ensino de Leitura a partir da Visão de uma professora de Língua Portuguesa e Análise do Ensino de Leitura a partir da Visão dos Alunos– sujeitos envolvidos na pesquisa.

Dessa forma, espera-se oferecer alguns subsídios para os profissionais da educação discutirem sobre suas dificuldades e em conjunto buscarem alternativas para construção de uma escola comprometida com a natureza e a funcionalidade da leitura, isto é, Leitura e Letramento.

Assim, imprime-se a ideia de ruptura com o ensino de leitura mecânico e superficial. Paralelamente, o convite à reflexão está posto, de modo que se possa construir práticas de leituras efetivas, dinâmicas e prazerosas na Construção de Leitores.

2 LEITURA E LETRAMENTO

2.1 Sobre Leitura

A leitura é uma prática social dos diferentes grupos sociais, nos diferentes momentos da história. É graças à leitura que as possibilidades de comunicação e relacionamento entre homens e sociedade vêm se ampliando. Nesse sentido, percebe-se que a leitura abre um leque de significados, sem causar dúvidas quanto a sua afinidade com o letramento. Esse é o primeiro passo para uma apropriação política de leitura, desmontando e/ou invalidando as práticas de leituras decodificadas, historicamente existentes em muitas escolas.

De acordo com Kleiman (1993, p.20), uma prática empobrecedora de leitura está baseada:

[...] numa concepção da atividade equivalente à atividade de decodificação. Essa concepção dá lugar a leituras dispensáveis, uma vez que em nada modificam a visão de mundo do aluno. A atividade compõe-se de uma série de automatismos de identificação e pareamento das palavras do texto com as palavras idênticas numa pergunta ou comentário. Isto é, para responder a uma pergunta sobre alguma informação do texto, o leitor só precisa passar do olho pelo texto à procura de trechos que repitam o material já decodificado na pergunta.

Nesse sentido, pode-se inferir que, ao invés de favorecer a formação de leitores, a escola evidencia um ensino pacificador, introspectivo, hipócrita que, por assim ser, não corresponde às exigências do mundo contemporâneo, isto é, se distancia do ensino formador de consciências críticas, cuja postura do professor, num discurso imobilizador da impossibilidade não conduz os alunos a assumirem uma postura de leitores assíduos e competentes.

Isso posto, convém considerar que a escola não vem cumprindo o seu papel: formar alunos, leitores críticos diante da realidade social, uma vez que leitura é uma atividade cognitiva complexa que envolve processamento de informações, motivação e compreensão da natureza linguística. Nessa compreensão, o ato de ler é pessoal, extrapola a decodificação da palavra escrita por exigir do leitor conhecimentos prévios decorrentes do seu conhecimento de

mundo. Para tanto, é possível que a escola se intitule como um ambiente de pouca motivação à leitura. Dito de outra forma, é possível que a leitura comumente trabalhada na escola é passiva, mecânica, podendo-se associá-la a um produto pronto, acabado.

Nessa visão, Kleiman (1993, p. 30), considera a “necessidade de conhecimento do professor na área específica de leitura, a fim de evitar a propagação de concepções obsoletas, que apesar de serem comprovadamente ineficientes, são legitimadas pela falta de propostas alternativas”.

Sob essa óptica, a concepção de leitura como atividade a ser ensinada na escola deve estar atrelada à ideia de letramento, que prima pela autonomia e/ou criticidade dos alunos diante daquilo que leem, haja vista, ser a leitura um processo de interiorização e reflexão, significando dizer que o leitor precisa aprender a ler o mundo e, sobretudo a questionar a realidade para compreendê-la melhor e até modificá-la. A leitura nessa dimensão envolve o desenvolvimento da consciência crítica e, para tanto, o professor atento não poderá se furtar da tarefa de contribuir para formação de leitores maduros, capazes de estabelecerem relações entre as informações adquiridas e o conhecimento prévio, sem esquecer que estes chegam à escola com competências culturais próprias que deverão ser valorizadas no processo de ensino e aprendizagem. Ademais, compete ao professor entender que, embora equipados de habilidades próprias, os alunos são influenciados pelo meio, significando dizer que as condições sociais de produção de leitura são determinadas pela interação que se estabelece entre professor e aluno. Logo, no ensino de leitura, o professor deve disponibilizar uma diversidade de gêneros textuais, cujas leituras sejam simultaneamente significativas, dinâmicas e prazerosas, em circunstâncias de entendimento interacional, no intuito de incentivar o gosto pela leitura.

2.2 Sobre Letramento

Letramento é uma palavra relativamente nova. Surge no discurso dos especialistas da Educação e das Ciências Linguísticas, nos anos 80.

De acordo com Soares (1998, p. 47), “Letramento é estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

Com base nesse contexto, dissociar leitura e letramento é um equívoco, considerando que, enveredar no mundo da escrita é simultaneamente se deixar conduzir por estes dois processos: pela aquisição da leitura e, conseqüentemente, pelo desenvolvimento de habilidades de uso da mesma em práticas sociais – o letramento.

Note-se a definição de letramento num poema de uma estudante norte – americana Chong (apud Soares, 1998, p. 41):

O Que é letramento?

Letramento não é um gancho
em que se pendura cada som enunciado,
não é treinamento repetitivo
de uma habilidade, nem um martelo
quebrando blocos de gramática.

Letramento é diversão

É loucura à luz de vela

Ou lá fora, à luz do sol.

São notícias sobre o presidente,

O tempo, os artistas da TV

e mesmo Mônica e Cebolinha

nos jornais de domingo.

É uma receita de biscoitos,

uma lista de compras, recados colocados na geladeira,

um bilhete de amor,
telegramas de parabéns e cartas
de velhos amigos.

É viajar para países desconhecidos,
sem deixar sua cama,
é rir e chorar
com personagens, heróis e grandes amigos.

É um atlas do mundo,
sinais de trânsito, caças ao tesouro,
manuais, instruções, guias,
e orientações em bulas de remédios,
para que você não fique perdido.

Letramento é sobretudo,
um mapa do coração do homem,
um mapa de quem você é,
e de tudo que você pode ser.

A explanação do poema acima permite considerar que leitura e letramento não se intitulam como processos passivos, por envolverem um acervo de fatores que se flexionam desde habilidades e conhecimentos individuais às práticas sociais e competências funcionais.

Nessa acepção, pode-se perceber a indissociabilidade entre leitura e letramento. Daí, é politicamente correto assegurar que contribuir para formação de leitores, faz-se necessário o convívio com tipos e gêneros variados de textos.

Logo, parece oportuno sublinhar que a temática leitura e letramento, pela relevância a priori abordada, apresenta muitas facetas que nortearão a formação de leitores.

2.3 Dimensão Individual da Leitura

Nas sociedades contemporâneas, a instância principal para promoção da leitura e letramento é a escola. Todavia, é incontestável que a participação da família é fundamental para o bom desempenho dos filhos na escola e, conseqüentemente, para formação de leitores.

Witter (1999, p. 24) relata que:

Há evidências de que a quantidade de experiências com a leitura de histórias infantis se correlacione significativamente com o desempenho em leitura no início da escolarização, tendo os pais um papel fundamental no desenvolvimento de seus filhos como futuros leitores [...]

Nesse sentido, observa-se que o relato de histórias infantis pelos pais tem um respaldo positivo na educação dos filhos e, de maneira particular, inscrevem-se como esteio para o sucesso escolar dos mesmos, por favorecer o ingresso destes ao mundo da leitura, assumindo uma dimensão individual e social significativa.

Embora as histórias infantis sejam produto da imaginação têm o poder de revelar a realidade social. É importante que o leitor enquanto sujeito participe do processo de criação, constituindo-se também um produtor de textos. Assim, do ponto de vista individual, a leitura pode ser vista como meio de informação, instrumento de pesquisa e estudo, como fonte de prazer e canalizadora da formação de escritores e leitores. A formação de leitores nessa dimensão pressupõe além da contação de histórias pelos pais que os professores coloquem à disposição dos alunos obras de valor estético dos mais variados gêneros. A sala de aula deve ser transformada num espaço de leitura que valorize e/ou estimule a descoberta de vários sentidos dos textos explorados, já que não será possível a formação de leitores se a oferta de leitura não for concebida como um ato de prazer.

Para Kline (apud Witter, 1999, p. 37):

A leitura tem sido, ao longo da história, uma das formas mais importantes de que dispõe o homem, não só para o conhecimento do mundo, mas também para a expressão, criação e recriação desse conhecimento. O conhecimento e o prazer fundem-se na leitura, impelindo o homem ao equilíbrio psicológico, à aprendizagem da vida e à busca incessante. Lidando com o imaginário e trabalhando com a emoção, a leitura satisfaz a necessidade lúdica e a busca de prazer.

Assim, a leitura deve envolver o aluno numa relação múltipla, para que o nível de letramento aumente e, naturalmente, possa o mesmo, lidar com situações complexas que surgirem em sua vida, já que está relacionada com os sentidos emocional, sensorial e mental. Dito de outra forma, a leitura deverá envolver o aluno numa relação de conhecimentos e formulação de questionamentos, podendo simultaneamente ser fonte de prazer e possibilidades de adquirir conhecimentos diversos. Nessa visão, a leitura é uma habilidade essencial àqueles que frequentam a escola e também àqueles que estão à margem dela, ainda que estes só consigam alcançar certo nível de letramento, ou seja, para àqueles que estão na escola a dimensão individual da leitura é mais sólida, isto é, funde-se com a ideia de letramento.

Sob esta ótica, leitura e letramento numa visão contemporânea, são habilidades intrínsecas ao ser humano, por nortear o exercício da cidadania.

2.4 Leitura como Prática Social

Sabe-se que a leitura não é só um processo de decodificação, mas também um processo interativo, de modo a responder as demandas da sociedade. Para dar respaldo a essa realidade, surgiu o letramento que vai além do ato de ler e escrever, ao se fazer uso da leitura e escrita em diferentes circunstâncias dentro e fora da escola, enquanto prática social.

Letrar é mais que alfabetizar, contudo não se trata de antíteses. O aluno ao ter contato com o ensino das técnicas da leitura e escrita – alfabetização – simultaneamente, ao interagir com tais habilidades, adquire o letramento que, efetivamente não se trata de abstração, mas da capacidade de angariar experiência com a leitura na vida em sociedade. Daí que oportunizar experiência com a leitura aos alunos é paralelamente motivá-los para a

conquista da cidadania, considerando que o indivíduo letrado é capaz de se instruir por meio da leitura e selecionar entre muitas informações o que mais lhe interessa, de forma autônoma, isto é, sem imposição do professor.

De acordo com Freitas (apud Yunes e Oswaldo, 2003, p. 35):

O professor que transmite aos alunos o significado de um texto ou impõe uma única interpretação, sem ouvir a interpretação que os alunos fazem dele, transforma as atividades de leitura em experimento, em um simples meio para se chegar a um saber já previsto e construído de acordo com os critérios da verdade, da objetividade. Num momento de globalização em que estamos vivendo toda uma ameaça de homogeneização, talvez seja oportuno não deixar insistir na verdade das coisas, mas deixar emergir a pluralidade dos sentidos. É este o papel do professor, fazer com que a pluralidade seja possível.

Tais reflexões sugerem que o professor deve criar condições necessárias para o letramento, isto é, oferecer subsídios aos alunos para tomarem decisões, havendo desse modo, uma escolarização real e efetiva de leitura.

Assim, se o papel da escola é o de mediadora do conhecimento historicamente acumulado pela sociedade, a tarefa do professor é levar para escola os usos sociais da leitura, isto é, uma variedade de gêneros textuais considerável, uma vez que, ao aproximar os alunos dos textos, estará oportunizando também que os mesmos se enriqueçam a partir das possíveis elucidações adquiridas nas práticas sociais de leituras em sala de aula.

3 LEITURA NO AMBIENTE ESCOLAR

Historicamente a escola tem se constituído o espaço por excelência, responsável pela formação de leitores, passaporte para o exercício da cidadania de todo indivíduo.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) tem buscado responder aos desafios encontrados no que se refere à proposta pedagógica, e nesse sentido as alternativas imediatas postas pela legislação ou surgidas de iniciativas das próprias escolas têm-se direcionado para um dos princípios fundamentais – a autonomia da escola. Logo, o ponto que interessa reforçar diz respeito às alterações e repercussões das decisões centrais ou reformas educacionais nos contextos locais, lugar onde elas de fato ganham sentido, pois os “estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica.” (BRASIL, 1997, art.12, inciso I).

Pode-se inferir que, dado a autonomia como condição de liberdade e responsabilidade para os sistemas de ensino construírem sua proposta pedagógica, resulta daí possibilidades de mudança na qualidade dos resultados que se pretende analisar no ambiente escolar e na prática dos professores.

Percebe-se nesse sentido que a questão da autonomia da escola vem ganhando importância, pelo caráter inovador, o que tem implicado num desejo de rompimento com o ensino mais tradicional. Como nos lembra (TARDELLI, 2002, p.129): “Impulsionada mais por intuição que por razão, pude tentar uma ruptura com a prática pedagógica rotineira que sufocava a mim e aos alunos”.

Isto posto, entende-se que a legislação é uma condição importante, mas não suficiente para o exercício da autonomia. Assim, só ganhará respaldo se houver vontade e decisão do professor. Dessa forma, um dos pilares para a formação de leitores consiste na necessidade da escola e seus professores tomarem para si a definição e a luta por práticas de leituras dinâmicas e prazerosas no processo de ensino e aprendizagem. Esse ponto merece uma reflexão mais profunda por ser uma proposta imprescindível para um trabalho apoiado no reconhecimento do aluno que se tem e na possibilidade de cada um deles avançar.

3.1 As Práticas de Leitura na Escola

A superação de práticas de leituras apáticas, mecânicas e superficiais têm revelado a necessidade de um olhar mais apurado para o interior da escola.

Tardelli (2002, p. 30) tem focado a importância de “fugir do ensino padronizado da língua materna, procurando enfatizar o diálogo, a troca de ideias sobre um determinado tema, promovendo análises e discussões de leitura feitas, através de atividades interativas que acabam levando à produção de texto”.

A ideia da autora fortalece a crença de que é possível desenvolver ações que valorizem a leitura de forma mais ampla, o próprio letramento. Pode-se perceber que a preocupação emergente é credenciar os alunos à condição de leitores. Esse fato revela que leitura e letramento caminham juntos. Considerando que o papel do letramento consiste num poder revolucionário por libertar o homem do estado de “domesticação”, sua finalidade é promover a aquisição de consciência crítica, em que este seja capaz de atuar no mundo. Desse modo, o letramento está centralizado na competência de interpretar o que está sendo lido. Pode-se inferir que as habilidades para a leitura e para o letramento são heterogêneas, porém não antagônicas; na verdade, complementam-se, em virtude do letramento envolver ações sociais.

A Constituição Federal em vigor apresenta uma visão positiva da educação no seu capítulo III:

A lei estabelecerá o plano nacional de educação, de duração plurianual, visando à articulação e ao desenvolvimento do ensino em seus diversos níveis e à integração das ações do Poder Público que conduzam à: [...] melhoria da qualidade de ensino (BRASIL, 1988, art. 214, inciso II).

Marcada pela ideologia da época, a Constituição dispensou um tratamento à educação que está intimamente associado ao reconhecimento da pessoa humana enquanto ser social. Desse modo, inserida no contexto social dos direitos sociais, o artigo 214 confere à educação um espaço preciso e delimitado. Cumpra-se assim dizer que não importa estabelecer aqui distinção entre educação e ensino, haja vista ser o ensino, a transmissão de saberes indispensáveis à educação. Não sendo, porém, dispensável considerar que é extremamente relevante a utilização de instrumentos que permitam favorecer a efetiva participação social do

homem e, particularmente, do aluno. Isso confere não só ao professor, mas a todos que fazem a escola, o papel de pensar juntos sobre os valores e costumes, sobre a realidade que se tem na escola que possa favorecer a formação de leitores, fazendo jus ao cumprimento da lei ao tratar da melhoria da qualidade de ensino.

Dito de outra forma, a escola precisa redefinir o letramento, isto é, validar em sua prática, ações que despertem nos alunos o gosto pela leitura. Nesse sentido, percebe-se implicitamente, que a escola majoritariamente vem perpetuando a desigualdade ao ignorar que pode propiciar momentos prazerosos e, concomitantemente, educativos na sala de aula. Daí, a expectativa positiva quanto às possibilidades de favorecer a formação de leitores ao lado do aumento da competência da escola: leitura versus cidadania deve ser a expressão do cotidiano escolar. Esse é o grande desafio.

3.2 Leitura e Cidadania

O trabalho com a leitura inscreve-se como uma oportunidade para o exercício da cidadania quando figura paralela ao letramento.

Note-se a visão defendida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. (BRASIL, 1997,p. 53).

A visão de leitura apresentada acima está relacionada ao letramento e/ou à promoção do exercício da cidadania por conceber a prática de leitura como instrumento de inclusão ao fomentar o desenvolvimento de leitores críticos, proficientes, de modo que possam atuarem como sujeitos ativos diante da aquisição do conhecimento nas práticas de leitura e, paralelamente, atentarem para uma participação social efetiva.

Isto posto, admite-se a necessidade de um trabalho de reflexão no que se refere às atividades de leitura. Muitas vezes porém percebe-se que a leitura trabalhada na sala de aula

consiste num aglomerado de palavras a se decodificar, onde o professor envolvido com suas diversas tarefas para cumprir, não encontra tempo ou condições para se atualizar, refletir sobre a sua prática e lidar com questões atuais sobre linguagem.

Em oposição a essa prática, os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem um caminho em que o professor não seja agente da perpetuação ideológica de que o aluno deve ser reproduzidor do seu discurso. Assim, ao trabalhar a leitura deve ser mediada também a ideia de que o sentido do texto se constrói no ato de ler e cada leitor é responsável pela construção do seu sentido, uma vez que o leitor ativo não deve ser visto como um receptáculo.

Um exemplo de proposta didática favorável à leitura é mediá-la a partir dos mais variados tipos de textos (artigos, música, cinema, literatura, artes plásticas, entre outras); vozes que muitas vezes estão excluídas do livro didático. Dessa forma, a leitura pode exercer uma função importante, pois tem a capacidade de construir e desconstruir as representações existentes nesses textos.

Nesse sentido, optar por uma prática que valorize na sala de aula o acesso a textos que representem variadas formas de expressão da leitura pode desempenhar um significativo papel político, caminho para construção de leitores conscientes, que atuam na formação do próprio conhecimento. Logo, a sala de aula deve ser rica em diversidades de gêneros textuais para diversas formas de exploração didática: interpretação de ícones, leituras incidentais, espontâneas, livres. Sabe-se ainda, que outros tipos de atividades favorecem a formação de leitores, a saber: expressões orais e escritas, gestos e imitações, tendo em vista o caráter estimulante em suas especificidades: imitar um repórter ao ler uma notícia, um vendedor ao ler um rótulo de produto, um narrador esportivo ao narrar uma partida de futebol, por exemplo. Os estímulos à leitura podem e devem ser expressos com a intenção de ampliar a visão de mundo do aluno.

Além do ambiente favorável no interior da sala de aula (biblioteca, correio, jornal, mural), o aluno deve ser conduzido a explorar materiais geralmente presentes em sua vida diária e que estão exterior ao mundo escolar.

Tais recursos didáticos produzidos em sala de aula pelos alunos ou professores, permitem diferentes tipos de exploração: leitura em voz alta, em silêncio, em jogral, em dupla, em coro, etc. No decorrer dessas atividades o professor deve ajudar no

desenvolvimento da qualidade do ato de ler, mediante esclarecimentos acerca dos vocábulos desconhecidos, solicitação de pesquisas de termos difíceis e pouco usuais, entre outros.

Uma boa leitura é sempre o ponto de partida para outras práticas e particularmente, para produção de textos, a considerar que na coesão interfrásica deve-se evitar a repetição do mesmo conector ou expressões conectivas para que haja um bom nível de coesão textual. Assim, as estratégias de leitura e produção textual, certamente ajudarão aos leitores iniciantes a construir procedimentos relevantes para o aprimoramento da habilidade leitora, ou dito de outra forma, para perceberem a importância da leitura na formação de leitores.

3.3 Importância da Leitura para Formação de Leitores

O professor detém uma força muito grande no que diz respeito à formação de leitores. Além desse mediador, existe um campo muito vasto de mediadores que precisam ser explorados: a família, revistas, jornais, livros didáticos, bibliotecas, editoras, contadores de histórias, jogos e inclusive obras literárias.

Kleiman (1993, p.15) ao tratar sobre o porquê do aluno não gostar de ler, evidencia:

A pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler.

Ninguém nasce leitor, assim como aprende-se a falar, caminhar, precisa-se também aprender a ler para melhor interação com o mundo. O professor é a principal ponte, melhor intermediário na formação de leitores. Para tanto, deve ter conhecimento sólido do quanto os processos cognitivos, sociais, culturais e afetivos de cada leitor são acionados no ato de ler, desempenhando um papel essencial na formação de leitores. Assim, formar leitores trata-se de um trabalho dedicado que precisa ser previamente estimulado pelo professor.

Silva (2003,p.95), ressalta a importância do professor e do bibliotecário na formação de leitores:

Diante da verdadeira avalanche de produtos escritos na vida do homem é que fica mais clara a diferença entre ler muito e ler bem. O caminho pedagógico a ser construído pela junção das bibliotecas escolares com a biblioteca pública deve ocorrer no ângulo do ler bem, ou seja, levar as crianças e os jovens a lerem ordenadamente, seriamente, construtivamente a partir do domínio ou da incorporação de competências pelas práticas de leitura e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento de atividades seletivas diante de tudo aquilo que existe no mundo da escrita. Daí, a necessidade, nessa parceria escola – biblioteca, de um planejamento bem feito, com objetivos claros, de modo que, a formação dos leitores num movimento espiral ascendente de atividades, vá deixando lastro em cada caminho trilhado sob a orientação de professores e bibliotecários.

Desse modo, atribui-se aos professores e bibliotecários enquanto mediadores da leitura, a necessidade e o desafio de na prática proverem meios para minimizarem a distância entre leitura e alunos.

A leitura ainda é vista por muitos como atividade do ócio, da fuga da realidade e, talvez daí, para reverter essa ideia, a figura dos mediadores da leitura vem se desenhando, ganhando dimensão, a exigir dos respectivos mediadores e, de maneira particular do professor, uma prática pedagógica de qualidade, especialmente ao ensino de leitura, considerando que é transparente no interior das escolas, um certo conformismo e porque não dizer uma certa apatia pela leitura.

Nessa acepção, a inserção da leitura na escola deve ser feita de forma dinâmica e prazerosa, utilizando-se, por exemplo, do caráter lúdico que pode ser dado às estratégias de leitura. Significando dizer que é preciso superar as práticas de leituras mecânicas e superficiais que permeiam o interior das escolas: livros obrigatórios e únicos para toda turma, exercícios de interpretação que buscam um sentido unificador, tarefas específicas voltadas para o conhecimento dos livros e não para a experiência de leitura e/ou reflexão sobre vivências sociais, escolha de livros a partir de critérios pedagógicos, a considerar, por exemplo, a idade certa, entre outros elementos de análise.

Imprime-se aqui a ideia de que o leitor está na sala de aula, cabendo aos mediadores da leitura o papel de descobrir as muitas facetas existentes para favorecer a formação de leitores; fazendo-os perceber que a leitura tem o poder de mudar o destino das pessoas, de superar o caminho já traçado por gerações menos favorecidas da sociedade marginalizada e, por conseguinte, dar mais vida às suas vidas.

Outrossim, convém ao professor entender que os meios tecnológicos como a TV, o cinema, vídeo games permitem aos alunos acesso à leitura de forma prazerosa e dinâmica. Logo, aquele movido pela vontade de formar leitores competentes precisa aproveitar os meios tecnológicos a seu favor. Um bom filme, por exemplo, poderá ser a oportunidade de despertar no aluno a curiosidade de conhecer a obra que deu origem à produção cinematográfica, sem perder de vista que, a leitura é significativa por favorecer o exercício da cidadania plena.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

Tomando-se como base os objetivos deste trabalho, a pesquisa em foco classifica-se como qualitativa, do tipo estudo de campo. Buscou-se na teoria e/ou revisão bibliográfica, esclarecimentos para melhor compreensão do objeto de investigação e paralelamente luz para a análise dos dados.

4.1 Contexto e Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Deputado Carlos Pessoa Filho, localizada na cidade de Aroeiras-PB, por corresponder ao campus de trabalho da entrevistadora e conseqüentemente favorecer o acesso aos respectivos entrevistados.

Definiu-se como sujeitos da pesquisa uma professorade Língua Portuguesae uma amostragem equivalente a dez alunos de uma turma do 1º ano do ensino médio, da referida escola. Julgou-se oportuno a escolha desses sujeitos, por oportunizar se fazer um paralelo de suas falas, concepções e/ou ideias, de modo que resulte daí, dados para melhor se analisar até que ponto as práticas de leitura têm favorecido a formação de leitores.

4.2 Instrumentos para Coleta dos Dados

Para coletar os dados da professora e dos alunos foram utilizados Roteiros de Entrevistas: Apêndice A -para a professora e Apêndice B – para os alunos. A escolha desses instrumentos deveu-se ao fato de oportunizar aos sujeitos da pesquisa, liberdade para exprimirem suas opiniões sobre leitura e simultaneamente para obtenção de respostas que oportunizem considerar se a metodologia adotada para o ensino de leitura tem favorecido a formação de leitores.

5 ANÁLISE DOS DADOS

Esta pesquisa foi desenvolvida segundo os procedimentos metodológicos já descritos em abordagens acima. A análise de dados orientou-se a partir de roteiros de entrevistas aplicados tanto para uma professora de Língua Portuguesa como para uma amostragem de dez alunos conforme já foi mencionado. Os dados desses instrumentos foram confrontados com os objetivos da pesquisa para averiguar os mecanismos subjacentes à formação de leitores no contexto formal da sala de aula. A análise embasou-se nos pressupostos teóricos apresentados nas seções 1 e 2 do respectivo trabalho.

Sabe-se que o processo de formação de leitores é um desafio tanto para alunos como para professores. Para alunos por terem que enfrentar todos os obstáculos inerentes a essa habilidade complexa. Para professores pelo desafio de “ensinar” essa habilidade que tem gerado expectativas negativas e/ou nada estimulantes. Desse modo, buscou-se coletar dados elucidativos que façam alusão à prática da professora em sala de aula que poderão favorecer à formação de leitores.

Para tanto, na descrição e análise dos dados objetiva-se apontar algumas crenças, intuições e atitudes que permeiam o ensino de leitura em uma turma do 1º ano do ensino médio.

5.1 Análise do Ensino de Leitura a partir da visão da Professora de Língua Portuguesa

Para identificar profissionalmente a professora que contribuiu para o êxito dessa pesquisa, respondendo ao roteiro de entrevista (Apêndice A, p. 43- 44), elaborado com dez questões subjetivas, apresenta-se a seguir, as perguntas feitas à mesma e suas respectivas respostas. Desse modo, será feita uma triangulação desses dados, cuja intenção consiste em suscitar reflexões sobre as muitas facetas utilizadas na formação de leitores.

Inicialmente, foi perguntado à professora sobre a sua formação e há quanto tempo concluiu seu curso. Obteve-se a seguinte resposta:

_” Letras, concluído “há 15 anos”.

Aqui imprime-se um aspecto significativo, do ponto de vista legal, considerando que a formação de docentes para atuarem na educação básica, requer nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em área correspondente de atuação.

Na segunda questão foi questionada sobre há quanto tempo atua como professora de Língua Portuguesa. Respondeu:

_ “Há 5 anos”.

Notadamente, percebe-se desequilíbrio entre o tempo de formação da mesma, abordado na questão anterior e o tempo de atuação. Todavia, cumpre-se evidenciar o aspecto positivo: exerce a docência em área concomitante à formação, quando existem ainda professores que exercem suas funções em áreas diferentes daquela na qual se graduou.

Na questão três, foi sugerido que listasse as principais dificuldades encontradas no ensino de leitura. Foi colocado em evidência:

_ “Os alunos não gostam de ler”.

_ “Dificuldades de interpretação”.

Isto posto, percebe-se claramente um dos aspectos mais controversos sobre leitura: a culpa é do aluno. Tal postura faz lembrar as palavras de Kleiman (1993), isto é, o aluno não encontrará prazer no ato de ler se o ambiente de letramento no qual estiver inserido é pobre em material escrito, ou ainda, se o mediador do ensino de leitura tem formação precária, ou mais precisamente, não é um leitor assíduo.

Ao ser questionada na quarta questão, como ocupa o tempo quando não está na escola, disse:

_ ”Cuido da casa, da família, elaboro e corrijo atividades”.

Ao leitor atento, fica esclarecido que apesar da professora tentar chamar a atenção sobre seu engajamento com atividades pedagógicas; despertar o gosto para leitura, não se reduz tão somente aos aspectos técnicos, porque a leitura não é um processo passivo. Ela se coloca como descoberta, recriação e produção. Significando dizer que contribuir para a formação de leitores implica ter paixão pela leitura, logo, ausente da escola, a professora

necessariamente, deveria ter o hábito de leitura. Todavia, não fez nenhuma alusão sobre sua relação com a leitura.

Questionou-se na quinta questão, se a referida professora acha necessário continuar a ensinar a ler no ensino médio e que tecesse comentários sobre isso. Daí, evidenciou:

_ “Sim, com certeza. A leitura favorece o exercício da cidadania”.

Essa concepção assemelha-se à Abordagem Humanista, cujo ensino está centrado na valorização dos aspectos afetivo e cognitivo do homem. Contudo, não há objetividade em sua fala, por não elucidar o seu papel no ensino de leitura e conseqüentemente, na formação de leitores.

A leitura pode ser fecunda e mediadora para o exercício da cidadania, mas cabe ao mediador da leitura “cuidar do seu rebanho”. Quem sabe, a partir de uma proposta inovadora, que subverte, que desafia. Ou seja, a proposta pedagógica para o ensino de leitura requer capacidades específicas, ou mais precisamente, habilidades linguísticas para lidar com textos.

Ao ser indagada sobre quais estratégias utiliza para desenvolver a capacidade leitora dos alunos, respondeu:

_ “Utilizo o livro didático, também livros da biblioteca”.

Pode-se perceber que a proposta da professora não é transformadora, por ausentar-se do seu papel maior: promover o gosto pela leitura. Talvez consciente da sua limitação, acrescenta “aos livros didáticos, os livros da biblioteca”, sem contudo, fazer nenhuma abordagem aos gêneros textuais por ela trabalhados. Indiferente talvez aos indicativos de mudança, não percebe que no ensino de leitura é preciso liberar a leitura da rigidez dos currículos propostos oficialmente para que possa surgir uma opção para atividades mais dinâmicas que estimulem a busca pela leitura recreativa, resultando daí uma postura diferente tanto para o professor como para os alunos. Isso significa crescimento espiritual e intelectual do professor e dos alunos diante da leitura.

Ao ser solicitada para justificar se há relação entre leitura e letramento, revelou:

_ “Sim. Leitura é descobrir coisas, lendo. Letramento é fazer uso dessa leitura no cotidiano”.

Há de se convir, está implícito na fala da professora que produzir ou formar um leitor é um processo complexo, porque tem sempre como norte, a prática da libertação, ou seja, só haverá leitura com criticidade se paralelamente houver letramento. Isto é, leitura versus letramento. Convém assim lembrar que leitura e letramento caminham juntos. Efetivamente, resultará dessa prática, a inserção do aluno num patamar de independência e autonomia diante do mundo das letras. Sendo bastante coerente dizer que o leitor maduro, resultado deste trabalho conjunto, estará apto a tomar decisões diante de si e do mundo que o cerca, ou ainda, terá autonomia para dialogar com o livro e/ou com a leitura proposta.

Entende-se, portanto, que a relação entre leitura e letramento e suas práticas sociais específicas exige que se tome como necessário as muitas facetas para a formação de leitores, vinculando-se a estas todas as práticas de ensino de leitura geradoras de prazer.

No que se refere ao tipo de atividades realizadas para estimular o gosto pela leitura, a professora afirmou:

– “Bem, faço leitura individual em voz alta e silenciosa, análise de textos, pesquisa, resenhas, fichamentos, redação, etc.”

Na verdade, o caminho delineado pela professora para estimular o gosto pela leitura não surgiu ao acaso, mas como resultado de uma prática tradicional e linear. Fazendo jus a esse pensar, não seria demais evidenciar que ao invés de reproduzir as enfadonhas propostas contidas nos livros didáticos, a exemplo de leituras em voz alta ou silenciosa, estudo de gramática e redação, seria mais viável explorar textos literários envolvendo atividades musicais, teatro, dança, fotografia, artes plásticas e etc. Aguçando dessa forma, a sensibilidade dos alunos e paralelamente, aumentando o grau de letramento através de atividades artísticas dos diferentes gêneros. Vê-se, portanto, a necessidade da professora aderir à uma prática inovadora, a partir da absorção de parâmetros didáticos promissores de sucesso, de modo que passe a refletir sobre a própria prática e prover meios para transformá-la.

Na nona questão foi induzida a falar se ao ensinar leitura, sente necessidade de realizar estudos de aperfeiçoamento. Revelou:

– “Não, não penso nisso. Já tenho muitos anos de trabalho, daqui há alguns anos estarei me aposentando”.

Sua fala demonstra acomodação, ausência de motivação, considerando que a formação continuada de professores, cursos de aperfeiçoamento e fóruns de debates, por exemplo, poderiam auxiliar no processo de mudanças. Tais iniciativas não poderão ser ignoradas, considerando que não é a partir de um programa rígido, mediado por uma prática ultrapassada que se farão bons leitores. Para reverter esse quadro, há nos últimos anos, um forte apelo à formação continuada para professores.

Finalmente, na última questão buscou-se saber quais os critérios utilizados pela professora para selecionar os textos para o ensino de leitura e se a mesma acredita que sua metodologia tem favorecido a formação de leitores, ao que respondeu:

_ “Sigo a proposta do livro didático. Acho sim, até aqui tem dado certo”.

Com base na fala da professora, percebe-se que o livro didático ainda é utilizado como principal instrumento, ou talvez, o único, para o ensino de leitura, fato que resulta num ensino sem motivação e sem prazer, dificultando a formação de leitores.

Assim, o processo de ensino de leitura deve envolver gêneros textuais variados e requer malabarismos por parte do professor, no sentido de utilizar os recursos existentes na escola, transformando-os em estratégias de motivação à leitura ao se definir objetivos próprios e adotar metodologias específicas conforme as necessidades dos alunos. Isso implica fugir do apego exclusivo ao modelo de prática proposto pelo livro didático e aderir a uma prática eclética na formação de leitores.

5.2 Análise do Ensino de Leitura a partir da visão dos Alunos

Participaram da pesquisa uma amostragem equivalente a 10 alunos de uma turma do 1º ano do ensino médio, totalizada com 25 alunos. O roteiro de entrevista foi elaborado com sete questões subjetivas. Para melhor identificação dos alunos serão representados pela sequência aluno 1 até aluno 10. (Apêndice B, p. 45- 46).

Na primeira questão perguntou-se se gostavam de ler, ficando suas falas assim registradas:

_ “Não. Eu não gosto de ler porque quando estudava no ensino fundamental, a minha professora não trabalhava com leitura”. (aluno 1)

_ “Sim, é muito importante ler para fazer leitura e escrever corretamente”. (aluno 2)

_ “Sim, porque com a leitura a gente estudante estimula mais a leitura”. (aluno3)

_ “Sim, pois ler traz coisas boas, aprendizagem e faz bem no nosso dia a dia” (aluno 4)

_ “Sim. Porque cada vez que leio aprendo mais e é muito importante. A cada dia é uma nova descoberta”. (aluno 5)

_ “Sim, por conta da leitura nós falamos bem, e é um meio de nós conhecermos bem o português porque nós queremos aprender cada dia mais”. (aluno 6)

_ “Sim, porque nós aprendemos mais”. (aluno 7)

_ “Sim, porque cada vez que lemos estamos aprendendo mais”. (aluno 8)

_ “Sim, gosto de ler contos de terror”. (aluno 9)

_ “Sim, porque ler nos faz pensar melhor, nos dá oportunidade de conhecer muitas coisas”. (aluno 10)

Diante do exposto, percebe – se que apenas o aluno 1 não gosta de ler, atribuindo como consequência dessa atitude, a ausência dessa prática no ensino fundamental. Desse modo, aí está um leitor passivo, relegando facilmente a função da leitura no seu mundo.

Todos os demais, foram unânimes nas suas respostas; gostam de ler, divergem-se, porém, nas justificativas, mas a verdade seja dita: quem sabe se a professora abandonasse o didatismo e as normas rígidas pela adoção de uma proposta dinâmica em interação com os diversos gêneros textuais, a escola pudesse corresponder às expectativas dos alunos, acolhendo enfim, “estas ovelhas desgarradas”, ao universo das letras.

Na questão dois, foram questionados sobre os gêneros trabalhados em sala de aula, no ensino de leitura, ao que responderam:

_ “Conto, poema, carta”. (aluno 1)

- _ “Poesia, conto”. (aluno 2)
- _ “Conto, poemas, cordel, cartas, novela e romance”. (aluno 3)
- _ “Conto, poema, cordel, cartas, romance, peça teatral”. (aluno 4)
- _ “Conto, poema, cordel, carta, bilhete”. (aluno 5)
- _ “Conto, poema, novela, cordel, poesia, peça teatral”. (aluno 6)
- _ “Conto, poema, cordel, carta, romance, comédia, novela”. (aluno 7)
- _ “Conto, romance, poema, cordel, novela, peça teatral, carta”. (aluno 8)
- _ “Conto, poema, cordel, carta, romance”. (aluno 9)
- _ “Poesia, conto, peça teatral”. (aluno 10)

De acordo com as respostas dos alunos é possível perceber uma variedade de gêneros textuais satisfatória para o ensino de leitura em sala de aula. Fazendo, pois, uma comparação de tais respostas com a resposta da professora (sexta questão), pode-se perceber que embora de forma implícita a mesma mencionou utilizar para desenvolver a capacidade leitora dos alunos, o livro didático e também livros da biblioteca (talvez, os gêneros evidenciados pelos alunos), sem, contudo significar que os mesmos estão sendo trabalhados de forma dinâmica e prazerosa uma vez que a leitura assim mediada torna-se plena de significados, favorecendo a formação de leitores.

A terceira questão tratou-se sobre a preferência dos mesmos por algum gênero textual e se já haviam conversado sobre suas preferências com a professora de Língua Portuguesa. Desse modo, imprimiram as seguintes falas:

- _ “Romance, mas nunca comentei com minha professora”. (aluno 1)
- _ “Sim, poesia, porque com os versos podemos falar da nossa vida e da natureza”. (aluno 2)
- _ “Sim, o romance. Não, porque não chegamos ainda a estudar esse tema”. (aluno 3)
- _ “Conto, mas nunca falei sobre isso com a minha professora”. (aluno 4)
- _ “Sim, ela sempre me esclarece as dificuldades”. (aluno 5)
- _ “Conto, ainda não, mas pretendo para que ela me indique livros para eu ler”. (aluno 6)

_ “Tenho, conto. Ainda não falei com a minha professora”. (aluno 7)

_ “Sim, o conto. Já conversei com a professora e ela fez até um trabalho m sala sobre este tema”. (aluno 8)

_ “Eu gosto de contos de terror ou suspense e não falei com a minha professora, mas pretendo falar”. (aluno 9)

_ “A minha preferência é por poesia de rima, é tão bela, conquistacoração de quem faz ou ler, é muito apaixonante”. (aluno 10)

Pode-se perceber que os alunos 1 e 3 têm preferência pelo gênero romance, todavia, não falaram disso para a professora. Já os alunos 2 e 10 preferem poesia, falaram da grandeza de poder trabalhar com o gênero. Acrescenta o aluno 2: “ pela liberdade que o gênero oferece para falar sobre a vida, a natureza”. Enquanto o aluno 10 deixou claro que se extasia ao lidar com o gênero, uma vez que suas emoções fluem. Ambos, porém, não mencionaram haver falado sobre suas preferências com a professora.

Já os alunos 4, 6, 7, 8, e 9 alegaram ter preferência pelo gênero conto. Destes, apenas o aluno 8 conversou com a professora, acrescentando que a mesma realizou um trabalho em sala de aula com o gênero em evidência.

O aluno 5 não fez nenhuma referência a um determinado gênero. Todavia, deixou claro que mantém uma relação boa com a professora.

Sabe-se que a leitura é uma ferramenta interessante e desafiadora, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência, concomitante a isso, os alunos 2 e 10 assim se sentem em relação à leitura; porque quem gosta de ler, sente-se livre, se emociona, sorri e chora, se extasia diante da leitura. Essa relação, porém, somente poderá serconstruída em cumplicidade com o professor, cuja prática privilegie o ensino de leitura. Sendo oportuno aqui considerar que apenas um dos dez alunos entrevistados, revelou manter umarelacão de apoio, de compreensão, de acompanhamento, enfim, de cumplicidade, com a professora. Por outro lado, é possível perceber que esta introduz literatura em suas aulas, mas não encontra receptividade por parte dos alunos. Ademais, o aluno 8 afirmou que a professora realizou um trabalho com o gênero conto; daí, vê-se que a literatura é apresentada e/ ou trabalhada de modo a avaliar os alunos e não como instrumento de prazer, de sonho, de fantasia, de possibilidades de viajar por mundos desconhecidos. A leitura como vem sendo

trabalhada talvez revele-se como um desprazer, inscrevendo-se como um triângulo impossível de favorecer o gosto pela leitura.

Na quarta questão foram motivados a responder se a professora de Língua Portuguesa desenvolve atividades prazerosas de leitura, ao que afirmaram:

_ “Sim, a aula de hoje mesmo, foi muito prazerosa”. (aluno 1)

_ “Sim, temos prazer quando falamos de poesia e leitura”. (aluno 2)

_ “Sim, ela nos traz leituras muito boas e que nos ajuda a desenvolver mais”. (aluno 3)

_ “Sim, o conto foi uma coisa que gostei muito e é muito bom”. (aluno 4)

_ “Sim, gosto muito das atividades dela porque ela senta, conversa, explica a leitura, muito bom”. (aluno 5)

_ “Sim, como um conto que ela trabalhou na semana passada. Eu gosto de ler conto, falar sobre conto. Eu gostei muito do gênero conto e do gênero poesia”. (aluno 6)

_ “Sim, um conto é prazeroso”. (aluno 7)

_ “Sim, ela sugere livros para nós lermos e explicar depois”. (aluno 8)

_ “Sim, fizemos um poema que foi muito legal e conto, os dois foram muito bons”. (aluno 9)

_ “Sim, poesia é muito bom, a poesia é muito apaixonante, faz a gente sonhar com as palavras”. (aluno 10)

As respostas dos alunos apresentam uma certa limitação de gêneros textuais trabalhados em sala de aula: conto e poesia. Isso faz lembrar que, mesmo trabalhando com uma proposta diferente, o resultado pode não ser tão transformador, considerando que, apesar do entusiasmo unânime dos alunos, ora impresso em suas falas ao trabalhar com os respectivos gêneros, a leitura é apresentada de forma limitada, significando dizer que a escola permanece indiferente aos apelos de mudança.

Ao serem questionados sobre a importância da leitura para suas vidas, disseram:

_ “A leitura é importante pra nossa vida porque desenvolve mais”. (aluno 1)

_ “Para ler ou assinar, ou ler qualquer documento, isso é muito importante”. (aluno 2)

_ “A importância é muito grande, porque o que a gente aprende na leitura nunca esquece”. (aluno 3)

_ “É muito importante, faz com que aprendamos várias coisas”. (aluno 4)

_ “Porque a cada texto, história, aprendemos mais e torna tudo mais fácil”. (aluno 5)

_ “É importante para nós não sermos analfabetos, é muito bom saber ler e escrever”. (aluno 6)

_ “A importância da leitura em minha vida é porque aprendo cada vez mais sobre as coisas”. (aluno 7)

_ “A leitura é muito importante porque quando nós lemos despertamos nosso conhecimento”. (aluno 8)

_ “A leitura me diverte e ensina porque a escrita fica melhor com a leitura”. (aluno 9)

_ “É muito importante porque sem a leitura eu não saberia conviver”. (aluno 10)

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir do seu conhecimento prévio de mundo, de seus objetivos, também daquilo que sabe sobre o assunto, sobre o autor e sobre a língua. Paralelos a esse pensar, os alunos em sua totalidade atribuíram significados da leitura para suas vidas. Logo, entende-se que o gosto pela leitura depende muito de um mediador entusiasmado, confiante, provocador, incentivador. Despertado o gosto pela leitura, o hábito se instalará. As falas de todos encerram uma só verdade: a professora deveria contemplar várias facetas no ensino de leitura, na formação de leitores.

Perguntou-se na sexta questão se os mesmos têm hábitos de leitura fora do cotidiano escolar, explicitaram:

_ “Não, eu não gosto muito de fazer leitura”. (aluno 1)

_ “Sim, jornal, livro e revista”. (aluno 2)

_ “Sim, eu gosto muito de ler”. (aluno 3)

_ “Sim, porque eu pego sempre livros e leio”. (aluno 4)

_ “Sim, porque sou curiosa e gosto muito de ler.” (aluno 5)

_ “Sim, gosto de livros de novela”. (aluno 6)

_ “Sim, a noite quando estou em casa, gosto de ler”. (aluno 7)

_ “Sim, porque é o que mais gosto de fazer na minha casa”. (aluno 8)

_ “Sim, gosto de ler estas coisas de terror”. (aluno 9)

_ “Sim, gosto muito de ler, porque ler nos faz viver, a vida se enche de emoção”. (aluno 10)

Observou-se que 90 % dos alunos afirmaram que têm hábitos de leitura fora do cotidiano escolar. Logo, se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender textos com os quais se defrontam, ou seja, favorecer a formação de leitores é preciso organizar o ensino de leitura para que experimentem isso na escola. A atenção aqui reside no sentido de que a escola precisa abrir espaço para uma relação autônoma e prazerosa entre alunos e leitura, sendo de extrema relevância o papel do professor como mediador da leitura.

Finalmente, foram questionados se percebem alguma relação entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela. Apresentaram as seguintes falas:

_ “Não, porque eu não leio fora da escola”. (aluno 1)

_ “Sim, temos leituras iguais e o jeito de falar com os colegas”. (aluno 2)

_ “Sim, porque muita coisa que a gente ler, estuda e comenta na escola, faz parte do nosso cotidiano”. (aluno 3)

_ “Sim. A escola e lá fora sempre tem coisas iguais”. (aluno 4)

_ “Não. Existe muita diferença. Por exemplo, vi um anúncio de venda de uma casa”. (aluno 5)

_ “Não. Você vê muita diferença que não pode ser feita”. (aluno 6)

_ “Não. Muita violência nas cidades, muita guerra, morte, briga”. (aluno 7)

_ “Não. Porque muitas vezes eu não sei o significado de algumas palavras, eu pergunto a professora e ela me explica”. (aluno 8)

_ “Sim, porque na escola vemos conto e eu gosto muito de contos”. (aluno 9)

_ “Sim. Percebo porque eu gosto muito de poesia e em todo lugar que eu vou eu leio algumas histórias parecidas com as da sala, por exemplo: vejo na televisão histórias que vejo na escola”. (aluno 10)

Observa-se a partir das falas dos alunos que 50 % deles não percebem haver relação entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela. Os 50 % restantes se opõem a essa afirmativa e até exemplificam situações semelhantes, a exemplo dos alunos 3 e 10, de modo que se percebe que as práticas de leitura vivenciadas dentro da escola acontecem também fora dela.

Sabe-se, enfim, que viver rodeado de material escrito favorece a formação de leitores. Desse modo, cabe à escola e mais especificamente à professora de Língua Portuguesa, criar um ambiente favorável à leitura, de modo que os alunos possam a partir do conjunto de habilidades e comportamentos adquiridos, fazer relação entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela – letramento – já que ensinar letrando significa dar subsídios aos alunos para viver a sua cidadania. Havendo assim um ensino de leitura sério e efetivo. Concomitante a isso, quem sabe, seria possível recuperar os 50% dos alunos que não conseguiram ainda, fazer relação entre leitura na escola e leitura fora dela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leitura e Letramento são ferramentas que permitem aos sujeitos conhecerem as questões que ficam “nos bastidores” da história. Molas Mestras por oportunizar àqueles conhecerem com criticidade, os verdadeiros interesses desta sociedade, nos seus aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais.

Para tanto, buscou-se neste trabalho enfatizar as muitas facetas utilizadas no processo de aquisição de Leitura e Letramento na formação de leitores. A metodologia para abordar a temática articulou a análise dos roteiros de entrevista tanto de uma professora de Língua Portuguesa, quanto dos alunos, de uma turma do 1º ano do ensino médio, à luz de um referencial teórico que permitiu chegar a algumas conclusões e, paralelamente, traçar algumas considerações sobre a questão.

Sabendo-se que as atividades que maximizam o gosto pela leitura são aquelas que envolvem o ser humano plenamente, abarcando suas emoções e respeitando-se sua forma de pensar e de se expressar, bem como sua linguagem e sua cultura, é possível que o ensino de leitura esteja comprometido não só pelas condições adversas da prática pedagógica da professora, considerando que sua prática é linear e/ou tradicional; quando o ensino de leitura ora desejado deveria propiciar momentos prazerosos e concomitantemente educativos na sala de aula, mantendo firme a esperança de contribuir na formação de leitores.

Em linhas gerais, observou-se na fala da professora que a sua concepção quanto à necessidade de aperfeiçoamento para o ensino de leitura não é positiva, ou seja, ela deixou claro que não há necessidade de formação continuada para o professor, quando se sabe que o professor contemporâneo deve lançar mão de um conjunto de conhecimentos/saberes, cujo propósito é convencer, motivar, dinamizar e sobretudo, fazer fluir o gosto pela leitura. Assim, é função da escola e mais especificamente do professor criar um ambiente favorável em que a leitura possa ser apresentada nas suas muitas facetas: leitura informativa, leitura literária, leitura fruitiva, enfim.

Desse modo, julga-se oportuno considerar que o professor comprometido com a formação de leitores precisa interfacear com a formação continuada, como incremento a esse

processo. Até porque, considera-se que a leitura perpassa a vida do professor na construção desse processo, daí, necessariamente precisa desse aporte no ensino de leitura.

Diante dessas considerações, registra-se ainda que um dos aspectos necessários à ação do professor é a busca cotidiana deste, por estratégias que lhe permitam a necessária autonomia para transitar de uma prática a outra com segurança, no ensino de leitura, a partir da diversidade de gêneros textuais, ou dito de outra forma, necessário se faz ao professor contemporâneo capacidade de interagir com tais gêneros no processo de construção de práticas leitoras.

Ademais, considerando a fala do aluno 1 “... não gosto de ler porque quando estudava no ensino fundamental, a minha professora não trabalhava com leitura” percebeu-se a relação entre leitura de mundo e leitura da palavra, como já dizia o saudoso Paulo Freire. Significando dizer que a leitura somente ganha força e/ou importância no contexto social dos alunos, quando bem trabalhada no contexto escolar, uma vez que deixa marcas profundas nos alunos. Deste modo, precisa ganhar destaque no processo de ensino e aprendizagem.

Somando-se a isso, é de valia sublinhar que sendo a leitura um instrumento capaz de promover o desenvolvimento dos indivíduos em vários aspectos, mister se faz criar situações no ensino de leitura, para que os alunos possam interagir de forma mais eficaz, dinâmica e participativa das práticas de leitura. Talvez desse modo, seja possível superar a distância que se faz entre leitura realizada na escola e leitura realizada fora desta, como afirmam 50% dos alunos entrevistados. Afinal, o hábito de leitura é criado a partir de estímulos e a forma como se trabalha contribui muito para se criar uma geração habituada a ler. Assim, terá esta uma linguagem mais valiosa e ampla, farão parte da sociedade participando e argumentando com autonomia, mostrando a força da palavra quando se tem Leitura e Letramento. Julga-se ser esse um dos fatores que favorecerão a formação de leitores.

O sonho não morreu. Aqui fica a esperança de que professores e alunos possam descobrir a alegria do conhecer, a necessidade de descobrir o gosto pela leitura. Aí então, se terão verdadeiros leitores.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição**. República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, centro geográfico, 1998.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB – Lei nº 9.394 de 1996. Brasília: Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de Leitura**: teoria e prática. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Conferência sobre leitura**. Campinas: Autores Associados, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TARDELLI, Marlete Carboni. **O ensino da língua materna**: interações em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2002.

WITTER, Geraldina Porto. **Leitura**: textos e pesquisas. Campinas, SP: Alínea, 1999.

YUNES, Eliana e OSWALD, Maria Luiza. **A experiência da Leitura**. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista com Professora

Pesquisa: Leitura e Letramento: as muitas facetas pela Formação de Leitores

Pesquisadora: Maria Suelânia Araújo de Lima

Data de aplicação: 14 de maio de 2014

Local: E.E.E.F.M Deputado Carlos Pessoa Filho

Cidade: Aroeiras-PB

Roteiro

1. Qual a sua formação profissional? Informe há quanto tempo concluiu o seu curso.

2. Há quanto tempo atua como professora de Língua Portuguesa no ensino médio?

3. Liste as principais dificuldades que você encontra no ensino de leitura.

4. Como você ocupa seu tempo quando não está na escola?

5. Para você é necessário continuar a ensinar a ler no ensino médio? Teça comentários sobre isso.

6. Quais estratégias você utiliza para desenvolver a capacidade leitora dos alunos?

7. Na sua visão, há relação entre leitura e letramento? Justifique.

8. Que tipo de atividades você tem realizado para estimular o gosto pela leitura?

9. No que diz respeito ao ensino de leitura, sente necessidade de realizar estudos de aperfeiçoamento? Justifique.

10. Quais critérios você utiliza para selecionar os textos para o ensino de leitura na sala de aula? Acredita que sua metodologia tem favorecido a formação de leitores? Por quê?

APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista com alunos do 1º anodo Ensino Médio

Pesquisa: Leitura e Letramento: as muitas facetas pela Formação de Leitores

Pesquisadora: Maria Suelânia Araújo de Lima

Data da aplicação: 14de maio de 2014

Local: E.E.E.F.M. Deputado Carlos Pessoa Filho

Cidade: Aroeiras – PB

Caro (a) aluno (a),

Em cumprimento a uma exigência do Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares se está fazendo uma pesquisa e o tema escolhido é “Leitura e Letramento: as muitas facetas pela Formação de Leitores”. Para melhor analisarmos a realidade, solicitamos que nos forneça informações, respondendo as questões abaixo.

1. Você gosta de ler? Justifique.

2. Nas aulas de ensino de leitura, quais os gêneros trabalhados em sala de aula?

3. Você tem preferência por algum gênero textual? Já conversou sobre isso com sua professora de Língua Portuguesa? Explique.

4.Sua professora de Língua Portuguesa desenvolve atividades prazerosas de leitura? Comente.

5.Qual a importância da leitura para sua vida?

6.Fora do cotidiano escolar, tem hábitos de leitura?

7.Você percebe alguma relação entre o que você lê na escola e o que você lê fora dela?
Comente.
